

CISTO DO VITREO (*)

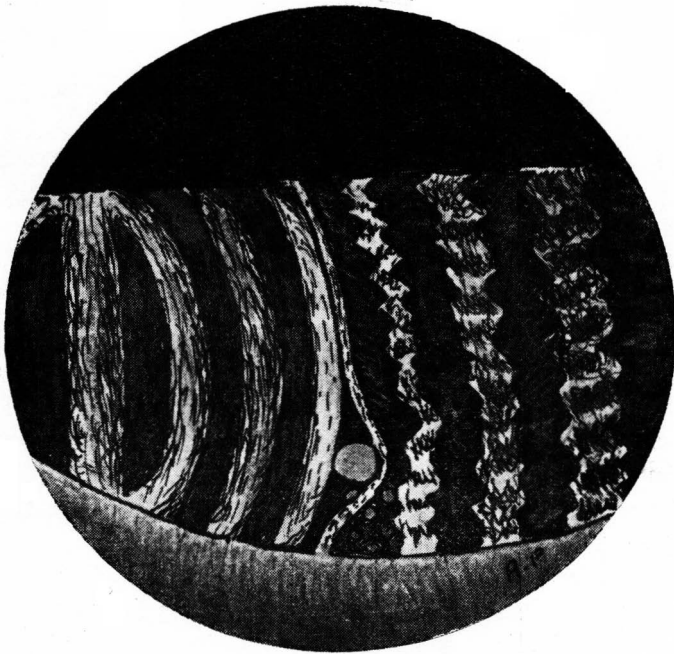
Dr. ARI ALVARES PIRES — Belo Horizonte

Pelo fato de não serem muitos os casos de cisto do vitreo registrados na literatura oftalmologica, resolvemos trazer ao conhecimento da sociedade um caso que tivemos oportunidade de observar por acaso no transcurso dos exames de rotina feitos em A. O. br. solt., de 23 a. de idade, natural de Castro Lopes e lá residente e que se queixava apenas de ardor e lacrimejamento em A. O. A visão da paciente era igual a 1 em AO e normais eram a tensão ocular e os reflexos pupilares.

Pela esquiасcopia, sob cicloplegico, ficou constatada a presença de uma hipermetropia de 0,75 D. Ao exame oftalmoscopico notamos na metade inferior do clarão pupilar um ponto negro do tamanho aproximado de um grão de chumbo tipo 7.

Ao exame pela lampada de fenda verificamos que se tratava de um nódulo pigmentado, de 1mm. mais ou menos de diametro e juxtaposto ao terço inferior da cristaloide posterior.

No vitreo adjacente ao polo inferior do cisto viam-se dispersos numerosos pigmentos de natureza identica a do cisto. Não havia vestígios ou restos da arteria hialoide. (Vide fig.).



(*) Trabalho apresentado à Sociedade Mineira de Oftalmologia em 23-5-948.

A primeira observação registrada de cisto do vitreo é talvez a de Thomson e data de 1898. Aparecem, em seguida, a de Tansley, dada a luz em 1899 e no ano seguinte a de Koller, em cujo paciente o cisto se mostrava accolado á papila e era de grandeza identica a esta ultima. Como um vestigio da arteria hialoide partia dessa malformação para o quadrante infero-nasal do cristalino, o autor pensou que se tratava de uma dilatação local da arteria.

Em 1903, Uribe Troncoso publica a observação de um cisto movei, oval, semi-transparente, nas camadas anteriores do vitreo de uma rapariga de 15 a.. Como se tratasse de um nódulo pigmentado, o autor attribuiu ao mesmo uma origem uveal.

Todas essas observações, porém, foram feitas somente com o auxilio do oftalmoscopio.

Em 1924, utilizando-se já dos magnificos recursos proporcionados pela lampada de fenda, descoberta em 1911, Lampert descreve um caso muito semelhante ao nosso: "ao oftalmoscopio um disco negro sobre o fundo vermelho que ao exame pela lampada de fenda mostrava tratar-se de um nódulo contido em um reticulo filamentososo e pigmentado".

Koby em 1932 nos dá noticia de mais dois casos. Numa creança de 9 anos notou em OA um apendice esbranquiçado, em forma de pêra no lugar de inserção da arteria hialoide. Em outra observação de um menino de 9 anos, vê uma vesicula pigmentada de amarelo-bruno, situada abaixo da inserção da arteria hialoide e juxtadosta á cristaloides. O vestigio hialoidiano pendia de seu lugar normal Koby, ao contrario de Uribe Troncoso não acha que pigmentação do cisto seja sufficiente para justificar uma origem uveal, porque esta pigmentação, diz, pode ser explicada por um processo inflammatorio localizado.

Vê-se, pois, que para uns autores essas malformações encontradas no vitreo tem sua origem numa degeneração cistica da arteria hialoide, ao passo que, para outros, elas resultam de uma aglomeração de pigmentos desprendidos da uvea.

O nosso caso, parece-nos, explica-se melhor pelo ponto de vista de Uribe Troncoso, por isso que a pigmentação dispersa no vitreo adjacente ao polo inferior do cisto é como que uma seta a indicar a sua origem uveal.